

ECOS RELEVO

A expressão singular da história, nos marcos da paisagem

Testemunha do tempo

texto LIANA JOHN e fotos GISELDA PERSON

Firme e ereta, uma sentinela de pedra guarda a bela paisagem do Planalto Paulista

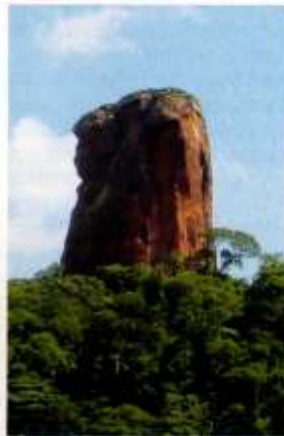


De longe parece a torre de um castelo em ruínas. O local seria mesmo apropriado para uma fortaleza medieval, no alto de um morro, com visão de 360 graus para o vale ao redor. Mas a Pedra da Torrinha fica no Brasil, quase na divisa do município homônimo com Santa Maria da Serra, no Estado de São Paulo. E ali nunca se construiu um castelo de verdade: aquela sentinela vertical, de paredões nus, que se sobressai em meio à mata no topo da elevação, é rocha maciça. Trata-se de uma intrusão vulcânica sobre um morro testemunho, parte de um relevo cuestasiforme (de cuestas basálticas) formado no Período Terciário, na Era Cenozóica (entre 70 e 12 milhões de anos).

Se trocarmos em miúdos, o punhado de termos técnicos revela que as rochas mais duras – como a própria Pedra da Torrinha – formaram-se há muito tempo, quando havia atividade vulcânica, hoje extinta. Derramamentos de

lava ou rochas mobilizadas pelo vulcanismo concentraram-se em alguns pontos dispersos e acomodaram-se ao longo de algumas falhas do solo, em meio a formações mais brandas, como o arenito. A altitude geral, na região, era superior à atual e os acidentes geográficos, mais abruptos. Com o passar dos anos – muitos e muitos anos – o vento, as chuvas e as diferenças de temperatura erodiram o material mais mole, aplainaram a paisagem e expuseram os paredões de basalto. Essa erosão milenar conferiu aos antigos derramamentos de lava a forma de muralhas que agora dividem as terras altas das baixas – as cuestas basálticas – ou a aparência de ilhas altas em meio a terras baixas – como o morro testemunho.

A pedra em forma de torre tem 30 metros de altura e seu pico está a cerca de mil metros acima do nível do mar. Alguns montanhistas arriscam escalar os paredões verticais para melhor apre-



ciar a privilegiada vista lá do alto. Nas cuestas, numerosas quedas d'água abastecem as ricas fauna e flora remanescentes, uma mistura de espécies de campos, cerrados e matas de galeria. O município de Torrinha está inserido na Área de Proteção Ambiental (APA) Corumbataí/Botucatu/Tejupá, criada em 1983, com 6.492 km².